

III^{ma} Sr. Fr.
 José Arthur Boiteux
 Avenida Central 153^{II}

IPIRANGA

ORGAM DO CENTRO "SANTA CATHARINA"
 Deus, Patria e Liberdade

ANNO IV

Florianopolis, 1. de Junho de 1913

NUM. 36

REMEDIO UNIVERSAL

Para encontrar a paz que tanto anseio,
 Dulcíssimo Jesus, o que hei de fazer,
 Si vai o mundo da maldade cheio?
 Calar, soffrer.

E quando força injusta me esborbe
 Nem me deixa um instante em paz viver,
 Que remedio me daes á dor acerba?
 Calar, soffrer.

E si vier do Céu ferir me o oçoite,
 E fór o mesmo Céu surdo ao gemer,
 Ao gemer d'alma, em tenebrosa noite?
 Calar, soffrer.

E si a calúnia vil, com seu veneno,
 Da vida me tirar todo o prazer,
 Como farei para seguir sereno?
 Calar, soffrer.

E, si porém calar, o mundo ingrato
 Mais abusar de mim, mais me abater,
 Que farei ao julgarem-me insensato!
 Calar, soffrer.

Esta é, manso Jesus, vossa doutrina,
 O vosso exemplo assim n'ôo faz ver,
 E faz que no Sacratio é o que ensina
 Calar, soffrer.

Nesse, de amor, imperturbado asylo,
 Só no vosso coração quero viver:
 E dentro d'elle s'eberei tranquillo
 Calar, soffrer.

J. Serafim Gomes,

Na Floresta

Uma faísca, descendo das nuvens, como que annunciou que Deus mandara a noite correr cortinas e reposteiros á grande casa do mundo.

A requintar o desabrimento das trevas que sobrevinhara, ar-

refeceu ainda o ar com um sopro vindo talvez fresquinho dos pincares glaciaes da Cordilheira. Era o anoitecer nos pampas!

Eu o presenciei — estremunhado a principio, e depois com arrepios.

Foi quando, despertado pelo clarão meteorico e, mais ainda,

pelo sentimento da friagem crepuscular, dei accordo de mim ao topo da collina:

A pouco e pouco comprehendia a situação. O gado quadrilheiro tinha-me mal ferido com suas bolas: custava-me a andar, de derreado. Relanceei a vista em torno: da minha egua não enxerguei rastro: em baixo estendia-se escuro o vasto mar de verdura: nem cavallos appareciam já no campo, nem alhures vivia huma.

Ea estava ali como Robinson. E a noite vinha forrando, do negro cada vez mais carregado, o firmamento.

Ugia tomar uma resolução. — Iria abrigar-me na floresta que atraz de mim langava uma ponta até á base da collina.

Desci. Era noite, quando toquei a ota do arvoredo.

Já o vampiro revuava pelas copas e entre as plantas rasteiras ouyia-se o silvo do amaldiçoado reptil.

No couteiro de que eu acabava de baixar, a cornija piron.

Penetrei na selva. Tudo romorejava. Os cipós, pendentos dos ramos das gigantes arvores, eram, em eu as tocando, ontras tantas cordas a darem como num repique de sinos, rebate inquietador aos bichos recolhidos em suas tocas ou ninhos.

Trepei a um pinheiro e aquillo em cima, pelo alvoroço levantado parecia uma nova Babel.

Do fundo tambem tornou a romper o silvo das cobras e a chocalhada dos cascaveis.

Olhei para baixo. Duas centelhas fitavam-me. Uma puma!

O choque que senti dentro em mim foi grande. — Se a tera subsisse...

Nos olhos da puma julguei ver o meu passado.

IPIRANGA

SCIENCIAS-LETRAS-VARIEDADES.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Assinatura annual. . . \$5000

Numero avulso \$100

Por especial obsequio, são nossos agentes os senhores:

José Estellita Lins, em S. Francisco; Eurico Fontes, em Itajaí; Luiz Veiga, em Blumenau; José Acaçio Moreira, em Tubarão; Miguel Calomano de Oliveira, em Curitiba; Julio Caniziano, em Biguaçu.

Entre os artigos de colaboração, todo suposto a censura dos redactores, dar-se-á preferência aos de socios do Centro, desde que sejam dignos de publicidade.

Eis que o tronco começa a mexer-se.

A puma, como esta mostra de querer subir, tentou a lembrança do poeirento passado.

Como salvar-me?
Terei ainda o olhos de fogo que tive? Era a unica salvação.

Encarei firme a fera.

Incomodada pelos fortes que eu tinha, ella rancou aos poucos até que d'um salto desapareceu.

Mas não percebi a minha infelicidade.

O olhar cansou-me, o sangue affluu-me as feridas. Desci depressa e tombei outra vez, sem sentidos.

Accordei emfim.

O sol, espalhando seus salutarés raios, fazia evaporar o orvalho e dava ordem ás flores da escuridão de fecharem se.

Builhavam o arvoredo e os pampas. Era vida nova.

Prouslao.

A reforma da ortografia

V.

Divisão silábica — A divisão de um vocabulo qual quer, simples em sílaba, far-se há por exemplo, *subscrever* como *subs cre ver* do mesmo modo, por que a pa-

lavra *escrever* se não divide como *e scre ver*, e *veser*, *pastora*, como *ves es*, *pastor a*, mas sim como *es cre ver*, *pas to ra*. Assim também, *di recção*, *a dop tar*, *su bir lix*, *de sas tra do*, *de sar mar*, e *ad hil*, *hi sa cô*, *pros tan te*, *des fu zer*, *cir cans tão cii*, etc. etc.

— Ditas consoantes iguais separam se; ex.: *dr rascar*, *as sis tr*, *em malar*, *em nustr*.

— Nos vocabulos formados com o prefixo *ex*, fica este separado elemento, ao dividir-se a palavra; ex.: *ex ér cilo*, *ex er cedar*.

— São inseparáveis as letras dos seguintes grupos de consoantes: *bl, cl, dl, fl, gl, pl, tl, cl*; *br, dr, fr, gr, pr, tr, er*; *ch, lh, nh, sr, pr*.

Se, porém, o *s* se lê separado do e no interior do vocabulo, separado se divide; ex.: *des cer*, *côns cio*, *pros cé rio*; mas *en sce na ção*.

— São igualmente inseparáveis duas *v* e *g* consecutivas, firmem ou não ditongo; ex.: *al po, cau sa, va nha, proé mio, que lá, pool ra, pro nta era, notar, ao, á qua, i quais, fu mi lia, rea li da de, est cu to*.

— O *n*, depois do *g* ou *q* é de se inseparavel, quer seja mudo, quer se profira; ex.: *quin ta, quer ra, fez quã to, a quã tar*.

Pontos de interrogação e exclamação. — A imitação da orthographia espanhola, é conveniente assinalar com estes pontos o principio de uma oração interrogativa ou exclamativa, invertendo os, tôdas as vezes que ella excede quatro ou cinco palavras, para que essa oração seja logo devidamente entoadada; ex.: *Quanto soubeste que a tua familia chegava de fora hoje?*

Com este artigo encerramos a série dos em que procurámos dar aos leitores do *Ipiranga* informações sobre o novo sistema orthográfico português.

Todo o nosso trabalho fizemo-lo, tendo á vista o *Vocabulário* do sr. Gonçalves Viana, relator da commissão reformadora. Publicado em 1912, encontram se nele todas as regras do novo sistema, bem como, já acomodadas a ellas o distribuidas em ordem alfabética, quasi tôdas as palavras portuguezas. É uma obra de valor, indispensavel não só

aos que adoptarem a orthografia que ensinamos, mas também a todos os estudiosos da lingua vernaculã, tanto são as indicações utilissimas que contém.

Quanto ao tempo e esforço que nos custou esta empreza, tâ-los fomos por bem empregados, se algum dos leitores do *Ipiranga* abraçando a boa causa da simplificação e regularização da orthographia portuguezã, se tornar adepto e propagandista do sistema que consoante o nosso pensar, se realiza como nenhuma outro até hoje as realizou.

T. F.

Os primeiros 10 Bispos do Brasil

I.

D. Pedro Fernandes Sardinha
1532 — 1556.

Descoberto o Brazil em 1500, o almirante Pedro Alvares Cabral tomou posse da nova terra para a coroa de Portugal. Foi no domingo depois da paschoa, que Frei Henrique de Coimbra, O. F. M., celebrou a primeira missa nesta Terra de Santa Cruz, assistindo muitos indigenas. No anno de 1530, por ordem de D. João III, rei de Portugal, veio Martin Affonso de Souza, para dar principio á colonização do Brasil e á catequese dos indios. Para isso fundaram-se diversas colonias, por exemplo Piratininga, 1532, hoje a cidade de S. Paulo.

No anno de 1549, o primeiro governador do Brazil, Thomé de Souza, deu novos impulsos ás obras da civilização, trazendo de Portugal muitas famílias, soldados e religiosos de varias ordens para pregarem o evangelho. No numero destes últimos achavam-se 6 padres Jesuitas, cujo superior era o celebre P. Manoel da Nóbrega. Vendo porém elles quão grande e abundante era a messe, pediram mais padres para trabalharem na salvação das almas.

Nos annos seguintes chegaram ainda uns vinte, entre os quaes o «Apostolo do Brasil», o P. José de Anchieta, sendo novico

ainda. Pois o rei D. João III favorecia muito a nova «Companhia da Jesus», fundando o primeiro collegio em 1542 em Coimbra. Assim, no meado do seculo XVI já existiam no Brasil muitas igrejas e escolas, especialmente na cidade de S. Salvador na Bahia de Todos os Santos.

Chegara o momento opportuno de crear-se um bispado, sendo o primeiro bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, 1552-1556.

Pedro Fernandes Sardinha tinha sido nomeado Vigario Geral da India, onde elle tanto se distinguia pela prudencia e pelo zelo no serviço de Deus, que o rei D. João III o escolheu para ser o primeiro bispo do Brasil. Chegou D. Pedro Sardinha no dia 1. de Janeiro de 1552 e tomou por sede episcopal a cidade de Bahia que progredira rapidamente depois de Diogo Alvarez (Caramuru) ter feito paz e amizade entre a tribo dos Tupinambás e o primeiro governador geral Thomé de Souza. Bahia era então o centro do commercio. Entre os edificios mais importantes notava-se o collegio dos Jesuitas que contava cerca de 200 alumnos.

O novo bispo poz-se a trabalhar com uma energia pouco commum na dupla tarefa de re-formar a vida dos colonos portuguezes que, sobretudo pela cobicia e lascivia, davam máos exemplos, e de converter os gentios cuja inclinação a antropophagia era quasi indominavel. No anno de 1556 rebentou uma guerra forte de diversas tribus, Tupys, Tamoyos e Mamelucos, contra a colonização civilizadora. Os indigenas convertidos, aos quaes o P. Achieta mandara entregar armas, repelliram os inimigos em São Paulo. De arte da Costa por rem, o segundo governador geral (1558-1558), mostrou-se muito rigoroso contra os indigenas o que causou serias desavenças entre o bispo e o governador geral. Em vão o papa Paulo III declarou por uma bulia que os indios, nascidos para a fé como verdadeiros homens, não deviam ser privados de sua liberdade nem do dominio de seus bens. Finalmente D. Pedro Fernandes Sardinha embarcou para Portugal afim de informar pessoalmente

ao rei D. João III. O navio naufragou aos 16 de Junho de 1556, na costa do Brasil, perto do rio S. Francisco. O bispo e toda a tripulação, foram mortos e devorados pelos indios Cahetés. Assim este primeiro prelado da Brasil não só deu a sua vida pelas suas ovelhas, como o evangelho exige do bom pastor, mas tambem o proprio corpo para regalo e delicia dos seus.

Muito deve o Brasil a este seu primeiro bispo: foi elle o explorador desta terra de promissão; foi elle que dava em Lisboa noticias do Brasil, quando era ainda terra quasi sem nome; foi elle que tinha de organizar a hierarchia principiante do Brasil, trazendo dignidades, conegos e clerigos, para que servissem na nova cathedral que vicia erigiu porque até seu tempo havia somente padres que serviam com o titulo de missionarios em diversas partes do littoral. Consta tambem do Registro da Fazenda Real que o primeiro bispo erigiu tres parochias, a saber: a da Sé na Bahia, a de N. Senhora da Victoria na Villa Velha e a de S. Jorge na Villa dos Ilheos. Era digno o grande bispo dum epitapho poético:

«Brasilus primus, crudeli a gente voratus, Pastor oves pavi carnyonasque lupus.»

Heliotropa.

CHRONICA

A fortuna ajuda os audazes, — por isso me arrisco como empresario da «chronica.»

Não seja a falta de assumpto que desta vez embarce o chronista. E' que elle não sabe por onde começar: Enchecharam-se todos os assumptos nas tocas dos embarcos e da falta de tempo do chronista e de lá não saem, nem a cacete.

Afinal, lá está um a por a cabecinha de fóra.

— Aproveita, chron . . . chronista, atira o laço!

E lá vem elle de rasto. Custou mas sempre sahio! Quem era?

Era a primeira festa que o

Centro Santa Catharina realisava neste anno.

Não foi, como das outras vezes, na sala do theatro do Gymnasio Santa Catharina, mas na das Conferencias de S. Vicente de Paula, ao lado da Cathedral.

Ah! agora já sei porque é que o assumpto custou tanto a pular fóra: é que a festa mesma não sahio a furo, sinão a muito custo.

Primeiro foram os programas, que faltaram. D'ahi resultou a transferencia da festa, que do dia 3 passou ao dia 8 do maio.

Vamos ver como acabou!

Por enquanto ainda a festa está nas cordas; si desatamos o nó, ella foge por ali além que nem Judas a fugir da propria sombra, rolando pelos remorsos da traição.

Começa uma marcha pela orchestra do Gymnasio.

Na orchestra, minuscula neste dia, havia como que um, ensaio de aprendizes de musica.

Um harmonium substituiu o piano e por isso não sahiam hem as peças mais ligeiras e alegres.

O bombardino está com uma afinação diversa da que devia ter. Que remedio?

— Tira a volta! tira . . . Dapressa! Puxo. Está quebrado.

Segue-se uma poesia e logo um solo de pistao com acompanhamento da orchestra.

Com toda a magestade que lhe emprestava a occasião, o executor toma do instrumento, ouve os primeiros compassos e começa: lá, sol . . . do mi . . . ré: talhou!

— Não posso tocar he, disse o musico, um instrumento quebrado; ao outro falta a volta . . . Ao impossibile nem tenetur.

Ainda bem que houve solo de violino em vez de pistao.

Dos males o menor.

O musico caipora devia fazer uma arenga sobre uma de suas viagens, mas já estava com a pulga na orelha.

— Que historia, hoje tudo me corre mal, si ainda estrago a festa com esta leitura enfadonha. Mas não houve perigo: riram-se tambem d'elle. E era isto mesmo que elle queria, cahiu-lhe a sopa no mel.

(Mas não vão dizer nada a elle): pensava o coitado que as aventuras lhes achavam graça.

Qual graça! riam-se das bobagens que elle dizia.

Musica nos intervallos.

Logo veio a Os dois teimosos-comedia que tudo devia salvar: devia servir de tapamisérias á orchestra e curar dos nervos ou do respeito humano os que não tomaram parte activa na festa, embora o tivessem promettido.

Os actores eram bons, mas isto não impediu que um se esquecesse de uma parte do papel e d'ahi, como o porto não estava em ponto, tudo seguiu o ultimo rumo que lhe deram.

E os leitores que me digam agora o valor do bom resultado, deduzido da seguinte equação: (desculpem-se por isso em dança a mathematica, mas é porque nella me metteram).

O contentamento do auditorio está para a boa execução das peças, assim como o bom resultado está para os esforços empregados.

O producto dos meios é igual ao producto dos extremos; logo a boa execução multiplicada pelo bom resultado será igual ao contentamento do povo multiplicado pelos esforços nossos.

Ora, como o contentamento foi grande e os esforços ainda maiores, logo, a boa execução e o resultado, ainda melhor, não se deixaram esperar. Digo que o resultado foi melhor, porque o que faltou na boa execução (que de boa pouco tinha) deve-se supprir no outro factor, que é o bom resultado, para que os productos continuem eguaes.

Eh! mas para que o chronicista foi puxar mathematica? Chega! chega! que já está xarope!

Agora aguentem até o fim.

Facemos a outra cabeceira que lá appareceu. Lá vem: é o picnic da Congregação Mariana.

Embarcamos alegres, (pelo menos eu estava alegre) no dia 13 de maio, pelas 8^h da manhã.

Nada de extraordinario na ida. De Sambaqui, onde desembarcamos, fomos a S. Antonio por bellos caminhos, em partes cobertas de arvoredos e em parte á beira da praia.

Ao reembarcar muito nos rimos quando um prefeito mandou

soltar um cabrito que um alumnio trouxera para bordo do rebocador.

E era mesmo para rir o espectáculo do bicho a pular e saltar pelo trapiche ao ver-se em liberdade, e mais a vista o desapontamento do rapaz.

A não grande distancia de terra encalhou o barco. E d'ahi, para sair?

Longe não era mas para desembarcar em canoas 80 pessoas, não ia bem. Dormir alli?

Peior ainda.

Finalmente sahimos do banco de areia.

Não perguntei a opiniao de ninguem para saber que parte do passeio foi mais apreciada.

Para mim o melhor foi o comportamento da rapaziada.

Mas si me puzer a dizer tudo, ha perigo de faltar assumpto para a outra vez, e então não posso laçar nem cabeça, nem pés, nem maos, nem . . . nem nada.

Agora sou em quem diz: Chega!

E é tempo, que a chronica já deu somno aos leitores. Pois então, que durmam bem!

Vigario.

Um bocado de ouro

Esposa de Christo, viste tu toda a profundidade dos odios que conspiram contra tens divinos destinos, toda a negritão dos designios, toda a violencia das paixões que preparam com tua queda e desmoronamento de toda a religião? O batalhão sagrado das almas que tens alistado sob o estandarte da perfeição já está corrompido; em breve sua dispersão que pedem a grandes gritos os fanfarrões sycophantas da liberdade, será universalmente consummada.

Ah! a mão dos impios tem mais de uma vez devastado os claustros mas as flores que se cortam reapparecem de novo. *Eu não tenho medo, Non timebo!*

Tens padres mesmos são amesgados; uma legislação sem respeito aos nobres serviços que prestam a sociedade pode amanhã arrancar os do santuario e compromette sua santa vocação.

Satanaz tem posto em pratica os mais terriveis e mais vergonhosos meios para deshonrar e destruir o sacerdocio ao qual o

Mestre prometteu a immortalidade. *Eu não tenho medo, Non timebo.*

Cubigam teus templos, disputam-se a magra compensação da depradação official de que tu foste victima, esperam acabar contigo pela expoliação e fome . . .

— Eu vi as catacumbas, eu já mendiguei meu pão. *Eu não tenho medo, Non timebo.*

— Si tu podias contar com as gerações innocentes que empolgarão em dia o dominio da vida publica mas não leio mortíferas te sequestram de sua alma corrompendo-a com uma sciencia e uma moral sem Deus. Para aquellas gerações sempre serás uma estrangeira, si não inimiga

Juliano, o Apostata, fez ou trora o officio de corruptor, e o Palden que elle detestava o por nam atauda onde seus designios perderam com elle. *Eu não tenho medo, Non timebo.*

Escuta pois, a impiedade se espera que a infancia pervertida se volte contra ti. Suas columnas te tornam cada dia mais odioso ao povo que é enganado por palavras e por escripto que é incitado á commetter actos odiosos e selvagens. Hoje são esses individuos que te injuriam e maltratam, amanhã será a multidão, o povo cego e brutal que se atirará a sacrilegas e sangrentas execuções

O povo vi-o cego e ferino innovar os brancos dos amphiteatros e applaudir aos soffrimentos e a morte aos martyres para depois venerar as suas santas reliquias. Que me cerquem aos milhares. *Não tenho medo, Non timebo.*

Monsabré.

Caixa Postal

L. Tr. — Obrigado, finalmente rompeu o longo silencio! A nossa C. M. vai muito bem.

A. M. Porto Alegre — Recebemos a importancia.

On. — Sentimos não poder publicar artigos cujo autor desconfhecemos.

Impresso na Typographia de Eduardo Schwartz, Joinville. S. Catharina Brazil.